

RELATO DE AUTOSSUPERAÇÃO E RECINS PROGRAMADAS NA DOCÊNCIA CONSCIENCIOLÓGICA

Account of Self-Overcoming and Programmed Recycling in Conscientiological teaching

Adele Cardoso de Almeida

RESUMO. Este artigo objetiva apresentar as autossuperações e recins vivenciadas pela autora durante o Curso para Formação de Professores de Conscienciologia - CFPC no ano de 2016, em São Paulo. Seguindo a metodologia proposta pelo curso, a autora conseguiu identificar as dificuldades e planejar as reciclagens necessárias à sua formação e qualificação docente. O objetivo principal deste artigo é que ele possa ajudar e/ou incentivar outras consciências interessadas na docência conscienciológica a trilhar os caminhos da formação docente. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, observação participante e registro de percepções da autora em todas as etapas do Curso para Formação de Professores de Conscienciologia.

Palavras-chave: autossuperação, autodessasédio, reciclagens, formação docente.

ABSTRACT. This article aims to present the self-overcoming and intraconsciential recycling experienced by the author during the Conscienciology Instructors Development Course (CIDC) in 2016. Following the methodology proposed by the course, the author was able to identify her difficulties during the course and to plan the necessary recyclings for her teaching qualification. The main objective of this article is to help and / or encourage other consciousnesses interested in conscientiological teaching to follow the paths of teacher training. The methodologies used were bibliography research, participant observation and registration of the author's perceptions in all phases of the Conscienciology Instructors Development Course.

Key words: self-overcoming; self-deintrusion; recycling; teacher training.

INTRODUÇÃO

Motivação. A escrita deste artigo foi motivada pela experiência positiva, não esperada, vivenciada no Curso para Formação de Professores de Conscienciologia da Reaprendentia, em São Paulo em 2016.

Histórico pessoal. Desde o início de seu voluntariado na Conscienciologia em 2009, a autora tinha a vontade de se tornar professora de Conscienciologia, mesmo sem saber ao certo a amplitude do trabalho tarístico proporcionado pela docência conscienciológica. Em 2014, iniciou o processo docente na IC em que voluntariava, mas não o concluiu devido a várias dificuldades encontradas: a grande distância da sua residência para a IC (que era em outra cidade); a necessidade de maior disponibilidade de tempo e espaço mental para frequentar o curso de formação

docente e dedicar-se para as aulas-treino e, além disso, outras situações da rotina de vida pessoal e profissional a impediram de concluir a formação.

Problema de pesquisa. Mesmo sendo professora de idiomas por profissão e já tendo apresentado algumas pesquisas em conferências via *web* e em eventos de IC's isto não era suficiente para a autora sentir segurança para ministrar aulas de Conscienciologia. Deste modo, não foi possível superar os desafios iniciais da formação docente. Isto a frustrava e a docência conscienciológica parecia algo distante de ser alcançado. **Surgia a questão: como superar este gargalo evolutivo e proexológico?**

Parapedagogia. A situação mudou quando soube que o CFPC - *Curso para Formação de Professores de Conscienciologia* da Reaprendentia viria para São Paulo: surgiu a certeza íntima de ser exatamente isto o que ela precisava e queria na sua trajetória existencial. Queria iniciar o mais rápido possível, mas precisou aguardar aproximadamente 1 ano e meio para iniciar o curso devido ao tempo necessário para a formação de turma. Durante este espaço de tempo não desistiu e investiu esforços na auto-organização e ficou aguardando a formação da turma.

Priorização. Logo na entrevista inicial a orientaram sobre a necessidade de priorizar e se organizar para um melhor aproveitamento por se tratar de um curso denso, de 10 meses, com 10 aulas teóricas, 8 estágios, 2 provas e *feedbacks* dos professores experientes a cada estágio. E assim foi feito, desde o início do referido curso, a então professoranda abriu mão de outros cursos, atividades do voluntariado e demandas pessoais para que não se dispersasse do seu objetivo magno proexológico.

Desafio. A princípio achou que seria um curso o qual iria concluir sem grandes esforços porque já tinha uma certa experiência na docência. Seria apenas estudar o conteúdo dado em aula, preparar e apresentar as suas aulas. Mas no decorrer das primeiras aulas, teve uma surpresa, pois não era exatamente o que ela esperava; percebeu que o desafio seria maior do que imaginara, mas os resultados, quando obtidos, iriam muito além da sua expectativa inicial.

Objetivos. E é sobre estes desafios e autossuperações docentes que a autora deseja abordar neste artigo visando atingir 3 objetivos: I) refletir sobre o próprio processo formativo docente e as demandas de recins cumpridas e em andamento; II) registrar de maneira técnica as formas utilizadas na autossuperação das dificuldades objetivando servir de inspiração para novos interessados na docência; III) planejar as próximas recins com foco na interação com o campo parapedagógico mostrou-se a etapa mais desafiadora do ciclo para a autora.

Metodologia. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa e exploratória com vistas a compreender melhor o problema descrito e as reciclagens obtidas. Os instrumentos de coleta de dados foram a pesquisa bibliográfica, a observação participante e anotações em um caderno estilo diário de campo no qual foram registrados acontecimentos e dúvidas durante o curso.

Organização. O artigo está organizado da seguinte forma: a seção 1 aborda a prática crítico-reflexiva do professorando (objetivo I); a seção 2 traz sugestões de melhores práticas para a superação das dificuldades docentes, através de registro (objetivo II); a seção 3 traz o planejamento realizado pela autora para lidar com sua dificuldade de interação com o campo parapedagógico (objetivo III). A conclusão é apresentada na sequência.

1. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA CRÍTICO-REFLEXIVA DO PROFESSORANDO

Princípio parapedagógico. Um dos princípios norteadores do Curso para Formação de Professores de Conscienciologia (CFPC) é o Princípio Parapedagógico com *ênfase na prática crítico-reflexiva do professor antes, durante e depois da aula lecionada* em todas as etapas do Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica, proposto por Alves (2012).

Prática crítico-reflexiva. Ainda segundo Alves (2012), a *prática crítico-reflexiva do professor* foi criada a partir do princípio de que a melhor maneira de compreender a docência conscienciológica é através da vivência teática, da reflexão, da discussão e do registro sobre o que acontece na Práxis Parapedagógica.

Práxis parapedagógica. Deste modo, Alves define o conceito de práxis parapedagógica:

A práxis parapedagógica é a vivência, a atividade, o exercício, o ato lúcido, autoconsciente, contínuo, intencional, teático, exemplarista e crítico-reflexivo realizado pelo (a) professor(a) de Conscienciologia na atividade docente objetivando promover o esclarecimento, a reeducação e a autonomia de todas as consciências envolvidas no processo ensino-aprendizagem-recuperação de cons, além de qualificar a própria atividade em si. (ALVES, 2013)

Processo parapedagógico. Alves (2012) ressalta a importância da utilização da práxis parapedagógica como ferramenta no processo parapedagógico, pois através deste processo todas as consciências, tanto intrafísicas quanto extrafísicas, têm a oportunidade de participar, seja ensinando ou aprendendo em todas as etapas de uma sequência didaticamente estabelecida como o Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica.

Qualificação docente. Assim, o professor de Conscienciologia fomenta auto e heteroreciclagens de modo multidimensional e é sua qualificação que irá realizar a tarefa em alto nível. Alves conclui ainda que este processo se dá através de um ciclo, que se repete e afirma que:

Podemos concluir então que Ciclo é o conjunto de fatos, parafatos, ações, situações, fenômenos e parafenômenos vinculados entre si, que se sucedem no tempo didático e paradidático na vida do professor com o objetivo específico de qualificar sua atuação docente. (ALVES, 2013)

Ciclo. O referido ciclo parapedagógico é composto pelas seguintes etapas: 1. Conteúdos; 2. Transposição didática; 3. Interação com o campo energético parapedagógico; 4. Fazer Parapedagógico e 5. Interassistencialidade.

Aprendizado. Através do exercício crítico-reflexivo do professorando em todas as etapas do Ciclo e principalmente nas aulas apresentadas e assistidas, foi possível a identificação de autoassédios, tráfes, trafores e o aprendizado de técnicas de superação das dificuldades encontradas.

Autoassédio. O processo se iniciou com autopensões de que a autora tinha um longo caminho a percorrer e muito a aprender e melhorar para tornar-se uma professora; a baixa autoestima tomava conta do seu microuniverso consciencial.

Trafes. Na primeira aula, a professoranda apresentava bloqueios, nervosismos e travas psicológicas, não queria assistir a sua própria aula que fora gravada. Em todos os estágios, as aulas são gravadas e é orientado aos alunos que as assistam para que possam se perceber naquele momento.

Travas. A professoranda teve sintomas psicossomáticos a exemplo de taquicardia, frio na barriga e mãos geladas só ao pensar em se ver dando aula. A vontade era de não ver a gravações mas como haveria o *feedback* dos parapedagogos, decidiu enfrentar seus medos e assistir à sua aula para receber os comentários.

Surpresa. Quando apresentou sua primeira aula, esperava receber um *feedback* no qual mostrariam somente os aspectos negativos da aula, e estava apreensiva para recebê-lo. Mas ficou surpresa quando lhe mostraram vários aspectos positivos e trafores que ela não tinha percebido, ou talvez ignorado. Isto foi um choque de paradigmas positivo para ela pois foi-lhe mostrado uma forma de receber *feedbacks* que até então não conhecia.

Trafores docentes. Já na segunda aula em diante as sensações desagradáveis diminuíram e ela pôde dar a aula com maior tranquilidade. E novamente se surpreendeu positivamente com o que viu na gravação da aula. A sensação era de que ela era melhor dando aula do que imaginava. Não se criticou negativamente como era hábito.

Autodesassédio. Daí para frente, assistir suas aulas tornou-se algo interessante. Ela passou a gostar de ver, anotar o que achava que foi positivo e o que não foi e participar mais ativamente do *feedback* do professor parapedagogo.

Leveza. A cada aula treino ela percebia que tinha algumas dificuldades, sim, mas muito mais facilidades em preparar e dar aulas do que imaginava. Os *feedbacks* positivos dos professores e dos amigos de turma causaram reflexões a respeito de sua autoimagem distorcida e da necessidade de reciclagem para desdramatizar a docência, enxergar, aceitar e assumir estes trafores.

Autoestima. Estas reflexões não a ajudaram somente no processo docente, mas na sua vida pessoal, profissional e familiar como um todo, pois conseguiu tornar-se mais otimista e confiante.

Aprendizagem constante. Outro aspecto que a surpreendeu foi a necessidade de constante aprendizagem e de laboratórios conscienciais para o professor. Ou seja, para o professor de Conscienciologia, não basta somente estudar os tratados e livros da Conscienciologia para dar uma boa aula. É necessário ler vários tipos de materiais e principalmente vivenciar as ideias relativas de ponta no seu dia a dia. Estas experiências serão fontes de exemplos para suas aulas e suas reciclagens necessárias para a melhoria didática e pessoal.

Técnicas. No tópico seguinte são detalhadas as práticas utilizadas pela autora para conduzir suas recins.

2. MELHORES PRÁTICAS DE AUTOSSUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DOCENTES.

Práticas. Passado o desafio inicial e tendo realizado o autodesassédio principal do seu processo docente, a professoranda decidiu criar uma técnica que promovesse sua desrepressão docente e o aproveitamento máximo do CFPC.

A desrepressão docente é o ato ou efeito de a conscin, homem ou mulher, na condição de professor ou professora de Conscienciologia, eliminar medos, inseguranças, melindres ou autocensuras, em sala de aula ou nos contextos interassistenciais, visando qualificar a tares. (LARA, 2013)

Técnica. A técnica consistia em aproveitar seu processo de autoconhecimento em andamento em conjunto com a proposta de estudo do CFPC, levando em consideração as trocas de experiências e *feedbacks* recebidos. A partir daí propor-se mudanças de pensenes e posturas realistas que pudessem ser implementados e mantidos para a resolução de cada dificuldade.

Autopesquisa. A autora já vinha utilizando algumas técnicas como o Pensenograma, a Autoconsciencioterapia, a Terapia Psicológica, o Conscienciograma e a elaboração do Código Pessoal de Cosmoética para a identificação e superação de alguns traques, portanto não foi difícil identificar dentro do processo docente a manifestação de alguns traques já identificados anteriormente, mas que ainda não foram superados completamente.

Autoavaliação. O CFPC tem como proposta o professorando fazer a sua auto-pesquisa e anotações antes e após cada aula no material do professorando intitulado *Autoavaliação Formativa* no qual pode-se registrar as ocorrências de todas as aulas durante as etapas do ciclo de qualificação da práxis parapedagógica.

Feedbacks. Neste material inclui-se também as sugestões dadas em *feedbacks* pelos professores e colegas de turma. A partir daí o professorando faz suas reflexões e escolhe o caminho para superação das dificuldades docentes. Esta proposta foi seguida pela então professoranda para levantamento de suas dificuldades.

Registro. Foram registrados em seu caderno de anotações alguns traques e traques relacionados com as dificuldades docentes.

Traques. Foram identificados dois traques preponderantes: o perfeccionismo e a rigidez. O perfeccionismo é definido como a “tendência de obstinar-se em fazer as coisas com perfeição” (HOUAISS, 2009). A rigidez é a severidade de princípios e de opiniões, o comportamento austero, duro, a intransigência, a austeridade e a inflexibilidade. (HOUAISS, 2009).

Fatuística: Os traques identificados eram mais evidentes no preparo das aulas dos estágios, pois a autora ficava excessivamente preocupada porque sentia-se na obrigação de estudar tudo o que encontrasse a respeito do tema pensando em estar preparada para responder a todas as perguntas dos alunos. Esta busca pela domínio do conteúdo reforçada por uma rigidez pensênica de ser este o único jeito no qual ela poderia preparar uma boa aula levava-a um gasto grande de tempo, sentia-se confusa com o conteúdo a ser utilizado, cansada e com a sensação de sempre estar faltando algo na aula preparada. Isto gerava uma insegurança, que repercutia em nervosismo e ansiedade durante a aula.

Traques. Foram identificados dois traques que auxiliaram na superação dos traques identificados, sendo eles a comunicabilidade, manifesta na facilidade de estabelecer *rapport* com os alunos e a assistencialidade. A assistencialidade é uma qualidade forte na professoranda, qualificada através do pensene norteador do trabalho docente: “*foco na assistência, o que importa é o aluno e não minha performance*”.

Recins. Nesta perspectiva, foi organizada a tabela 1, a qual apresenta uma relação desenvolvida pela autora com novos pensenes e mudanças de hábitos a serem cultivados para cada dificuldade encontrada no desenvolvimento da docência.

DIFICULDADES DOCENTES	NOVOS PENSENSES E HÁBITOS
1 – Preocupação excessiva com a preparação do conteúdo a ser apresentado devido à crença de que precisava saber tudo e estar preparada para todas as perguntas dos alunos.	Aprender a simplificar o processo , selecionando o material de acordo com o tempo de aula, o nível dos alunos e identificação do seu estilo de aula. Esta autora identificou que a sua didática e o conteúdo é mais voltado para público com pouco conhecimento de Conscienciologia. Com explicações claras e simples, e utilização de exemplos do dia a dia.
2 – Pouca habilidade com o preparo dos slides , o que ocasionava uma certa demora no preparo das aulas.	a – Preparar as aulas com maior antecedência para poder aprender melhor a utilizar os recursos dos slides, sem ficar pressionada com a demora resultante da falta de experiência. b – Utilização de outros recursos como mostrar figuras ilustrativas, dar exemplos pessoais (o que ajuda a diminuir a quantidade de slides utilizados e enriquecem a aula).
3 – Falta de percepção do contato com o campo energético e com os amparadores e da assistência feita durante a aula.	Relaxar mais e curtir o processo da aula, do contato com os alunos. Aprender a ter mais confiança no amparo, trabalhar mais as energias antes e durante aula.
4 – Sensação ao final da aula de que o próprio desempenho poderia ter sido melhor.	Aprender a não ser tão exigente e procurar identificar onde poderia ter sido melhor e trabalhar para isto na próxima oportunidade
5 – Ansiedade , apreensão e vontade de se livrar da pressão ocasionada pela autocobrança no preparo da aula, ocasionando às vezes postergação ou ansiedade em terminar logo, sem aprofundamento.	Perceber o quanto a ansiedade prejudicava o processo criativo e a descontração antes e durante a aula. Esta percepção foi possível através da observação das aulas e <i>feedbacks</i> dos colegas de turma.

Tabela 1: Novos pensenes e hábitos a serem desenvolvidos para a autossuperação das dificuldades docentes. **Fonte:** A autora.

3. PLANEJAMENTO DE MELHOR INTERAÇÃO COM O CAMPO ENERGÉTICO PARAPEDAGÓGICO

Desafio. A professoranda decidiu, então, planejar as próximas recins com foco na interação com o campo parapedagógico. A necessidade de investir nesta etapa ficou claramente evidente nas autoavaliações como sendo seu *puzzle parapedagógico*, ou seja, a ação mais desafiadora do ciclo de qualificação da práxis parapedagógica, considerando que esta autora não conseguia perceber o campo instalado durante a aula e fazer proveito dele em prol de uma maior qualificação docente.

Campo. O campo energético parapedagógico é o campo de energias instalado a partir do professor-epicon em suas atividades parapedagógicas para a realização da tare, em conjunto com as energias das demais consciências (conscins e/ou consciexes) presentes, conectadas e predispostas a participarem desse momento multidimensional. (Definição retirada do Material do Curso para Formação de Professores REAPRENDENTIA, 2016)

Fatuística. Contudo, havia a percepção da conexão com o campo energético parapedagógico durante a pré-aula, na qual a professoranda vivenciou várias experiências com *insights* de

perguntas que poderiam ocorrer durante a aula, ideias de materiais a serem levados e preparados e fatuísticas a serem apresentadas; embora durante a aula havia pouca ou nenhuma percepção do campo instalado.

Identificação. Foi através de autorreflexão ocasionada pela auto-observação, e pela troca de ideias com os professores, com os parapedagogos e com os colegas de turma, que a professoranda conseguiu identificar possíveis dificultadores desta percepção.

Fatores. Os dificultadores identificados envolviam diversos fatores: (i) ansiedade, (ii) mito de percepção de campo, (iii) hábitos da docência intrafísica, (iv) dar pouca importância ao trabalho energético e ao desenvolvimento do parapsiquismo e (v) falta de paciência. Fatores estes comentados a seguir:

(i) Ansiedade. A ansiedade, que já era presente na preparação da aula, persistia até o início da mesma ocasionando uma certa apreensão, dispersão, esquecimento de trabalhar as energias. A acalmia interior é essencial para que possamos perceber melhor as energias e o amparo extrafísico.

(ii) Percepção. A professoranda tinha a ideia fantasiosa e religiosa de que perceber o campo durante a aula, devido ao amparo de função, seria ver consciexes, sentir o amparador ao lado e enquanto ficava presa a esta ideia não conseguia perceber a interação que ocorria por *insights*, comentários, perguntas e contribuições dos participantes.

(iii) Docência intrafísica. Por ter atuado como professora por profissão, ficou vinculada a forma de docência focada no paradigma intrafísico, de achar que o professor é o centro da aula e precisa impressionar com o seu conhecimento. Já no paradigma da docência conscienciológica, o professor é um facilitador do aprendizado do aluno e atua ao modo de uma minipeça no processo parapedagógico.

(iv) Trabalho energético. Devido à ansiedade e preocupação com o conteúdo a ser apresentado, esquecia de trabalhar as energias antes do início e durante a aula e, assim, dava pouca importância aos sinais parapsíquicos percebidos.

(v) Paciência. Conscientizar-se de que a interação e percepção com o campo energético tende a ir melhorando com o exercício da docência e é necessário ter paciência consigo mesmo e não comparar suas percepções com as de colegas.

Reciclagens. A maneira encontrada pela professoranda para reciclar os fatores dificultadores foi investir em sua reeducação consciencial.

A reeducação consciencial é o ato ou o processo de educar ou reeducar através de recursos e métodos específicos, capazes de favorecer à conscin, homem ou mulher, as reciclagens conscienciais, qualificando a interassistencialidade e contribuindo com as reurbanizações intra e extrafísicas (reurbins e reurbexes). (Enciclopédia da Conscienciologia, Verbete Reeducação Consciencial)

Técnicas. As técnicas e posturas adotadas para a realização da autorreeducação foram: continuar os investimentos em autoconhecimento já descritos anteriormente; cursos específicos de reeducação consciencial para mudança de hábitos pensênicos tais como desmistificar sua falta de percepção do campo e modificar alguns hábitos adquiridos na experiência docente; planilha para registro de EVs diários e exercícios de respiração para ajudar a diminuir a ansiedade logo no início da aula; participação de dinâmicas parapsíquicas e cursos de campo de uma forma mais atenciosa e dando mais valor às pequenas percepções.

CONCLUSÃO

Oportunidade. O Curso para Formação de Professores de Conscienciologia foi um divisor de águas no processo evolutivo desta autora. As oportunidades de aprendizado e de troca de experiências com professores e colegas de turma foram oportunidades ímpares que provocaram reciclagens não somente relacionadas ao processo docente mas que também repercutiram em aspectos da vida pessoal.

Continuísmo. O aprendizado é constante. Todos os dias o docente tem oportunidade de aprender, seja por autodidatismo ou por troca de experiências com outras pessoas. A docência conscienciológica exige do professor abertismo para que possa romper antigos paradigmas, não adotar dogmas, renovar-se e continuar a aprender sempre.

Desmistificação: o processo formativo docente ajuda a identificar e superar o mito de que professores precisam ser perfeitos e saberem tudo que muitos interessados na docência tem e acabam por postergar o processo da docência por não se acharem preparados ainda. Aceitar-se como é e assumir a formação e o exercício da docência acelera a superação dos traumas, evitando a postergação indefinida.

Assistência. A função de esclarecer do professor não se restringe somente à sala de aula. O esclarecimento às outras consciências é uma assistência que pode ser feita em outros locais, onde quer que apareça a necessidade e respeitando sempre a necessidade e o nível evolutivo do assistido.

Retribuição. Ao final do curso, a autora percebeu que tinha muito mais bagagem do que ela imaginava e que a conclusão do curso lhe trouxe uma tranquilidade, sensação de dever cumprido e ficou o sentimento de gratidão e a necessidade de retribuição. Ela recebeu muito neste curso através dos *feedbacks* traforistas e pretende retribuir o aprendizado. A escrita deste artigo é um deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Hegrissom. **Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica.** Revista de Parapedagogia. Ano 2, n. 2. Foz do Iguaçu, PR. Reaprendentia, 2012.
- ALVES, Hegrissom. **Práxis Parapedagógica.** In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia.** Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. 2013.
- HOUAISS, Antonio & VILLAR, Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa,** Ed. Objetiva; Rio de Janeiro, 2009.
- LARA, Gabriel. **Desrepressão docente.** In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia.** Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. 2013.
- REAPRENDENTIA. **CFPC – Curso para Formação de Professores de Conscienciologia: Manual dos Participantes.** Foz do Iguaçu, 2016.
- SCARPARI, Liliana. **Reeducação Conscencial.** In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia.** Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. 2016.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. DUHIGG, Charles. O Poder do Hábito. Ed. Objetiva. Rio de Janeiro. 2012.
2. WOJSLAW, Eliane. Autodessassédio Docente. Revista de Parapedagogia. Ano 6, n. 6. Foz do Iguaçu, PR. Reaprendentia, 2016.